

QUEM DIZ SE

Breve ato teatral de José Rubens Siqueira
para Marcelo Castro, Isabela Graeff, Kiko Caldas e o
Grupo Fractons

Um clown de roupa colorida e nariz vermelho faz um número convencional.

Geno e Gena entram e assistem.

Depois de algum tempo, Geno tira um verólver e mata o clown.

GENO - Não aguento mais palhacinho de nariz vermelho.

GENA - Você exagerou. Ele morreu.

GENO - Já estava morto antes.

GENA - Quem é você para dizer?

GENO - Sei lá. Isso é pergunta que se faça? E você, quem você pensa que é?

GENA - Eu não penso mais. Já parei de pensar faz muito tempo.

GENO - Por que?

GENA - Não adianta nada.

GENO - O que?

GENA - Pensar.

GENO - Como é que faz então?

GENA - E eu que sei? Você que é o manda-chuva, que está sempre dizendo para onde a gente tem de ir, que sai dando tiro por aí. Olha só. Coitado.

GENO - Coitado nada.

GENA - Coitado, sim. Você matou ele.

GENO - E daí? Que que tem? Morreu, morreu. Tanto faz morto como vivo.

GENA - Se mate então.

GENO - Como é?

GENA - Se tanto faz estar morto como vivo por que você não se mata então?

GENO - Eu não.

GENA - Por que?

GENO - Por que o que?

GENA - Por que você não se mata?

GENO - *(à parte, para a platéia)* Ela nunca perde o fio da meada.

GENA - Perco, sim.

GENO - O que?

GENA - O fio da meada.

GENO - Não era para você ouvir. Eu falei à parte, para a platéia.

GENA - Sei. Me ajude aqui. *(pega o corpo do clown e tenta arrastar, o corpo pesa uma tonelada e não se move)*

GENO - Que que você vai fazer com ele?

- GENA - Não sei. Você que devia saber. Quem sai matando tem de saber o que faz com o que mata.
- GENO - Geralmente a gente enterra.
- GENA - Ou come.
- GENO - É a mesma coisa. No fim vai pra terra mesmo.
- GENA - É. Do pó ao pó.
- GENO - Tem de saber é quem come quem.
- GENA - Do pó ao pó.
- GENO - Quem é esperto e come mais, dura mais.
- GENA - Do pó ao pó.
- GENO - Assim: eu como ele e ele comeu o outro que comeu o outro que comeu o outro. Até o dia que alguém me comer. Ai, eu viro bosta, viro esterco, volto pra terra.
- GENA - E nasce outra vez.
- GENO - Bonito esse pedaço. Gostei.

Ajuda Gena.

Os dois tentam arrastar o clown que parece estar pregado no chão.

Começa a soar uma vibração.

Os dois param, se acocoram, enxugam o suor da testa, olham o clown.

Geno observa de perto o rosto dele.

Vão ficando muito pensativos, falando cada vez mais pausado.

- GENO - *(esfrega o alto da cabeça, intrigado)* Pra onde será que a gente vai depois?
- GENA - *(longa pausa, põe o dedo no nariz)* Pro mesmo lugar de onde veio. Pro antes.
- GENO - *(longa pausa; esfrega a cabeça, o olhar perdido, fixo, vago)* Antes, depois. Tanto faz. Eu prefiro o antes.
- GENA - *(tirando meleca do nariz, que limpa na bunda das calças, meditativa, olhar parado)*
Se tanto faz...
- GENO - *(imóvel, olhando de olhos vagos a cara do clown morto)* Antes antes antes antes antes antes antes *(esfrega a cabeça freneticamente)*
- GENA - *(de olhos fixos, sempre tirando meleca do nariz, bem lenta)*
Antes
o escuro
o sono
o caos antes do Tempo

união sem consciência

um em todos

todos um

inércia

o nada

GENO - *(ele se acalmou com a fala dela; de novo de olhos parado, fixos)*

Nada nada nada nada nada nada... Gozado. Repetir.

Re Pe Tir Re Pe Tir

GENA - Do um o dois

oposição

VOZES INVISÍVEIS – *(sussurram)* Ação

GENA - Par

VOZES INVISÍVEIS – *(sussurram)* Ação

GENA - Multiplicação

VOZES INVISÍVEIS – *(sussurram)* Ação

GENA - Dois a dois

VOZES INVISÍVEIS – *(sussurram)* Ação

GENA - Casais

dois

quatro...

Grande música.

Os dois ficam imóveis olhando o vazio,

Em torno deles, entram quatro grandes bandeiras que dançam com as luzes.

Eles ficam, ficam, ficam, enquanto as bandeiras dançam.

Depois de um tempo.

GENO - Que que foi?

GENA - O que?

GENO - O que que você estava falando?

GENA - Eu não falei nada.

GENO - Falou, sim.

GENA - Não falei. Mas vou falar.

GENO - Fala.

GENA - Falo. Quando eu era criança, minha mãe estendia roupa no varal...

(longo tempo, as bandeiras dançam)

Eu ajudava. Sacudia o lençol de um lado, ela sacudia de outro.

(longo tempo, as bandeiras dançam)

O vento no lençol, eu, minha mãe, a chuva no céu, o fogo no chão...

GENO - Você lembra.

GENA - Lembro. Se a gente não lembra a gente morre.

GENO - Se a gente não *come* a gente morre.

GENA - Também.

GENO - Eu não lembro de nada. Queria lembrar, sentir a lembrança ondulando assim na minha cabeça feito um lençol no vento. Um lençol lavado, secando no vento, secando no sol, no fogo do sol.

Ficam um longo tempo parados, olhando o vazio, pensando.

As bandeiras dançam.

GENO - Gena?

GENA - Hm?

GENO - Tô com fome.

As bandeiras se dispersam e desaparecem.

GENA - Você estragou tudo. Você sempre estraga tudo.

GENO - *(examinando de perto o clown morto a seu lado, de cuja boca sai um canudinho)*

Estragado está ele aqui. Olha. Não é um verme saindo da boca dele?

GENA - Não sei.

GENO - Olhe.

GENA - Não quero ver, não.

GENO - Você tem de olhar. Eu nunca vi verme, você que tem de dizer se é verme ou não.

GENA - É compridinho que nem verme, é fininho que nem verme, é branquinho que nem verme, está tudo babado que nem verme, mas não é verme, não.

GENO - Que que é?

GENA - Pegue e veja você mesmo.

GENO - Eu não.

GENA - Por que não?

GENO - Eu tenho nojo.

GENA - Que frescura!

Com um gesto rude, arranca o rolinho de papel da boca do clown e vai desenrolando.

GENO - Que que é? Que que está escrito aí?

GENA - Palavras, palavras, palavras.

GENO - Xi...

GENA - O que?

GENO - A gente não sabe ler. Joga fora. Ou guarda, pede pra alguém ler.

GENA - Alguém quem?

GENO - Alguém que passar.

GENA - Nada disso. Eu mesma leio.

GENO - Só quero ver.

GENA - Duvida?

GENO - Estou duvidando.

GENA - Ó. *(lê o papelzinho)* É uma adivinha:

O que é, o que é,

que é febre

VOZES INVISÍVEIS - Febre-idéia

GENA - Luz do olhar

VOZES INVISÍVEIS - Visão

GENA - Imagem viva, imagem

VOZES INVISÍVEIS - Ação

GENA - Imaginação, olhar

VOZES INVISÍVEIS - Ação

GENA - Amor, sexo, reprodução

VOZES INVISÍVEIS - Ação, ação

GENA - Criação, combustão,

energia primeira,

vida

coração

VOZES INVISÍVEIS - Coração ação ação ação ação

Durante essas falas, o espaço foi se enchendo de pequenas chamas de velas, conduzidas pelas vozes invisíveis.

GENO - Eu sei.
 GENA - O que?
 GENO - O que é, o que é.
 GENA - O que é?
 GENO - É o fogo.

Explode uma grande labareda no centro do palco e as pequenas velas transformam-se em chamas dançarinas.

VOZES INVISÍVEIS - Pai,
 primeiro,
 pai-ato, ação, pai-luz,
 pai-xão, paixão
 ação, re-ação, revelação,
 fim das trevas,
 criador e destruidor,
 início e fim:
 o fogo.

Os fogos desaparecem subitamente.

GENO - Meu pai fumava de noite.
 Eu acordava no berço e tinha aquela luzinha vermelha brilhando no escuro.
 Tudo quieto e uma luzinha no escuro.
 Um foguinho vermelho
 farol
 guia na escuridão
 GENA - Tá vendo como você lembra?
 GENO - O que?
 GENA - Acabou de lembrar.
 GENO - Isso aí não é lembrar. É saber.
 GENA - Qual que é a diferença?
 GENO - Sei lá. Chega dessa história, vamos tirar este cara daqui. Ele parece com o meu pai.
 GENA - Pode também tocar fogo nele.

- GENO - Melhor não.
- GENA - Por que?
- GENO - Não vai doer?
- GENA - Vai. Queimar dói.
- GENO - Então. Ele não ia gostar.
- GENA - Ele está morto.
- GENO - Não está, não.
- GENA - Como não? Você deu um tiro nele.
- GENO - É, dei. Mas ele não está morto, não.
- GENA - Está, sim.
- ANTI - (*sentando de repente*) Não estou, não. Já chega dessa história. Vamos ao que interessa.
- GENA - O que interessa?
- ANTI - E eu que sei? Eu estava aqui sossegado, vocês dois chegam. O cara aí me dá um tiro no meio da cara e eu que tenho de saber o que interessa? (*levanta-se, muito formal estende a mão para Gena*) Anti, satisfação.
- GENO - Não vai ofendendo assim, não, só por causa de um tirinho também, né.
- ANTI - (*estende a mão para Geno*) Anti, prazer.
- GENO - (*para Gena*) É anti tudo o cara.
- GENA - Acho que o nome dele é que é Anti.
- GENO - Pático.
- ANTI - Como é?
- GENO - Nada, não.
- ANTI - E aí?
- GENO - Só me diga uma coisa: quem é você, o que está fazendo aqui e para onde vai?
- ANTI - Então é três. Você pediu para eu dizer uma coisa só.
- GENO - Uma por vez.
- ANTI - Quem eu sou? Não sei, não.
- GENA - E quem sabe?
- ANTI - Eu sei que eu sou. Ah, isso eu sei, sim.
- GENO - Como?
- ANTI - Você não sabe?
- GENO - Sei, mas é diferente.
- GENA - O que que é diferente?
- GENO - Eu sou eu.

GENA - Então.
 GENO - Ele não é eu. Portanto...

Todos esperam. Tempo. Tempo.

ANTI - O que?
 GENO - O que o que?
 GENA - Portanto...
 GENO - Ah, sei lá. Esqueci.
 ANTI - Sei.
 GENO - Mas você não me enrola, não. Falta me dizer três coisas.
 GENA - Duas. Vamos ser justos aqui. Duas coisas.
 GENO - Tá. Duas. Pode falar.
 ANTI - O que que eu estou fazendo aqui?
 GENO - É.
 ANTI - O mesmo que vocês todos.
 GENA - O que?
 ANTI - Palhaçada.
 GENO - Eu vou dar outro tiro nesse cara.
 ANTI - E não é isso que vocês fazem?
 GENO - Não é, não, senhor. Eu tenho responsabilidades. Encaro uma dura batalha todos os dias. Circulo por esta cidade inteira, enfrentando o trânsito terrível, os riscos, perigos e inseguranças do dia a dia urbano para ganhar o suor com o pão do meu rosto.
 ANTI - O contrário.
 GENO - Contrário nada. Quem você pensa que é?
 ANTI - Já falei que não sei.
 GENO - Quem você pensa que é para aparecer aqui de repente e acabar com o sossego da gente? *(cai em prantos, como criança, e continua falando)* A gente estava muito bem, tinha de aparecer você na nossa frente. Estragou tudo. Estragou tudo. Tudo.
 GENA - *(consola Geno)* Estragou, não. Calma, calma.

Gena pega Geno no colo, como criança.

Luz de relâmpago, soa um trovão.

GENA - *(para Anti)* Traz água para ele.

Ruído de chuva, mudança de luz.

Anti estende as mãos e leva água para Geno, que bebe.

Anti pega mais chuva e leva para Geno, que bebe.

Enquanto isso, entraram os acrobatas da cama elástica e ouve-se a voz feminina gravada.

GRAVAÇÃO - Água sem forma,
 água de todas as formas,
 origem, gen, gen,
 generosa gênese,
 nutriz, ama,
 fonte de formas,
 leite que sustenta,
 leite que alimenta,
 líquido elemento,
 caminho de descobertas,
 túmulo de sonhos,
 mistérimundo,
 vasto mistério,
 misterim, rim, rim,
 rim de águas:
 clara e escura,
 ácida e amena,
 doce e salgada,
 gélida, cálida,
 calda de fertilidade,
 fluido amoroso,
 sangue.

Geno recuperou-se, mas ainda está abraçado a Gena.

Os acrobatas da água desaparecem.

ANTI - Vamos ao que interessa.

GENA - Você já disse isso.

ANTI - É, eu sei.

- GENA - Vai voltar tudo pra trás?
- GENO - A gente não tem tempo de voltar atrás. Tem de ir para a frente, sempre em frente. Eu estou com fome.
- ANTI - Você já disse isso também.
- GENO - Disse, ué. E daí?
- ANTI - Daí nada. Se não quer voltar para trás...
- GENO - Fome é uma coisa que a gente tem sempre. Tem hoje, tem amanhã;
- ANTI - Você tem fome de que?
- GENO - Como assim?
- ANTI - Come como?
- GENA - Como é?
- ANTI - Come como? (*fazendo vários gestos diversos do ato de comer*) Assim, assim, assim, assim. Tem muitos jeitos de comer.
- GENA - Sei. Você come como?
- GENO - Ele não come.
- ANTI - É. Eu não como.
- GENA - Como não come?
- ANTI - Eu estou morto, esqueceu?
- GENO - Ele está morto.
- GENA - Mas não foi você mesmo que disse agora pouco que ele não estava morto?
- GENO - É, ele não *está* morto. Ele *é* morto.
- GENA - Ah. Isso é retórica.
- GENO e ANTI - (*juntos*) O que?!
- ANTI - Que que é isso?
- GENO - É de comer?
- GENA - Retórica, no sentido 5, é um discurso de forma primorosa, porém vazio de conteúdo. Coisa em que vocês, homens, são peritos.
- GENO - Ah, não vai começar com essa guerra dos sexos agora.
- ANTI - É.
- GENO - É, o que? Quem é você pra abrir a boca aqui?
- ANTI - Já falei que não sei.
- GENO - O que, cara? O que? Estou começando a ficar puto. O que que tu não sabe?
- ANTI - Quem eu sou.
- GENO - E quem está interessado?
- ANTI - Você vive perguntando isso. Quem você pensa que é? Quem você pensa que é?

- GENO - Eu vou descer o braço nesse cara. Eu vou quebrar a cara dele.
- GENA - Ah. Vai nada.
- GENO - Duvida?
- GENA - Uhm-hum.

Geno ataca Anti e fazem uma luta de tapas, coreografada.

Depois de algum tempo, Gena vai apartar os dois e entra na briga.

Enquanto eles brigam, despencam do alto os três panos.

Lentamente, desce a lira.

- GENA - Agora chega. Chega! Viu, como eu tinha razão? Vocês homens são sempre retóricos. Essa briga, por exemplo.
- GENO - Que que tem?
- GENA - Retórica.
- ANTI - Não concordo.
- GENO - Cala a boca.
- GENA - Não vão começar de novo, né?
- ANTI - Vamos ao que interessa: por que esse ^{a/} briga era retórica?
- GENA - Vocês não estavam brigando um com o outro. Estavam brigando por mim. Estão sempre brigando por mim. Cada vez que nos cruzamos pela vida, nos altos palácios, nos becos sombrios, no ardente deserto, na margem dos rios, é sempre por mim que se batem os homens. *(enquanto ela fala, as meninas dos panos entram e se colocam na mesma posição de Gena, como reflexos dela)*. Estou dentro, estou fora, escura maravilha e fonte de brilho, eu sou... eu sou..... o que eu sou?

Música.

Gena e Anti sobem na lira. As meninas sobem para os panos.

Todos dançam nos panos e na lira.

- GRAVAÇÃO - Ar, ventar, respirar, voar
Alento, lento alento
Aspiração, expiração
Hálito, hausto
Vento, vento
Respiração, inspiração

Olfato, olfato
 Ar, soprar, ventar, flutuar
 Tempestade, tufão, furacão
 Pulmão, respiração

Geno acompanha do chão, saltando, tentando alcançar os dois.

Depois de um tempo, surge mais um homem que salta junto com Geno tentando pegar Anti e Gena.

Mais um tempinho, e mais um homem salta com Geno e o outro.

Geno se enfurece, ruge para os dois, como um bicho feroz.

Os dois correm para o fundo e sobem pelas cordas indianas.

Geno desiste de alcançar Anti e Gena e senta-se no chão, a cabeça entre as mãos.

Imediatamente, a lira desce com os dois.

Eles ^{vão} consolar Geno.

Geno se levanta de um salto, enérgico.

GENO - Chega dessa moral hipócrita moderna, dessa mentira cotidiana, mesquinha, barbeada, penteada, lavada, esfregada. Esqueça o bom senso, a sensatez em suaves prestações mensais, o passado esquecido, o presente vazio, o futuro previsto. Vida que come a morte, morte que come a vida. Eu quero sangue e vísceras, eu sou sangue e vísceras e mais... e mais... o que mais eu sou, merda? O que mais?

ANTI - Vamos ao que interessa. Eu menti. Se querem saber eu sei quem sou, quem és, é, quem somos, sois, são.

(Sem perceber, Geno e Gena repetem as palavras dele, como um eco, como se soubessem o que ele vai dizer, como se as palavras de Anti estivessem dentro deles também.)

ANTI - Eu sou aquele que é, que foi, sempre, e será. Criador, descriador, eu, sim, começo e fim.

GENO - Morte.

GENA - Vida.

ANTI - Eu te nasço, você me morre. Em você eu se vivo-me. Nome que não se diz, estou em vocês e vocês em mim. Eu vocês, vocês mim.

GENO e GENA - Sim.

ANTI - Fim. *(vai saindo)*

GENA - *(grita)* Não! Ainda, não.

Grande música, dilacerada.

Geno tira o revólver e aponta para Anti.

GENO - Agora chega dessa enrolação.

GENA - Não mata ele de novo.

GENO - Mato, sim, quantas vezes precisar. Passa tudo o que você tem: dinheiro, cheque, cartão, chave, roupa... (*Anti não se mexe*)

GENA - Pra que?...

GENO - Tu cala a boca. Vai, anda.

Anti sorri.

Revira os bolsos para fora da roupa, lentamente despe a roupa enquanto Geno ameaça com o revólver.

Enquanto ele se despe, uma luz fortíssima envolve Anti. Nu, sempre sorrindo, Anti abre os braços envolto em luz celestial.

Geno e Gena olham em torno, assustados, olham o céu de onde vem a luz.

Repentinamente, tudo se apaga.

Gena e Geno gritam no escuro.

Música.

Um foco muito tênue começa a se acender no centro.

Gena está parada no meio de um círculo de pessoas.

GENA - Terra mãe,
de onde brotam todas as coisas,
fecunda esposa do céu,
deusa.
Corpo, digestão:
de seu seio saímos,
ao teu seio retornamos,
terra generosa,
mãe amorosa,
terna, mineral,
geradora, genitora,
madre original,

madre mater matéria

Enquanto ela fala, os acrobatas fazem acrobacias em torno dela.

Geno observa, de fora do círculo.

Ao final das acrobacias, Gena estende os braços para ele.

Geno entra no círculo, os acrobatas se fecham em torno dos dois.

Grande raio, trovão e chuva forte.

Os acrobatas formam a pirâmide final:

GRAVAÇÃO: Fogo que ferve a Água

Água que apaga o Fogo,

opostos,

primeiro casal.

Ar sem corpo, expansão,

Terra matéria, condensação,

opostos,

segundo casal.

Pares, opostos pares, pares,

sólido, líquido, gasoso, coloidal,

tudo oposto e natural,

a tristeza e a alegria,

o sofrimento e o prazer,

a dor e a anestesia,

o homem e a mulher.

Música cresce.

Geno e Gena, nus, vão subindo no ar até desaparecer lá em cima.

FIM

São Paulo, fevereiro de 2001